



RESENHA DE LIVRO

ESSA ESCOLA CHAMADA VIDA

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada Vida*. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998. 96p.

Jaqueline Ventura¹
Ana Paula Moura²

“Pedro viu a uva, ensinavam os manuais de alfabetização. (...) Paulo Freire ensinou a Pedro que semear a uva é ação humana sobre a natureza. É a mão, multiferramenta, despertando as potencialidades do fruto. O trabalho humaniza a natureza e, ao realizá-lo, o homem e a mulher se humanizam. Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social. (...) Paulo Freire ensinou a Pedro que não existe ninguém mais culto do que o outro, existem culturas paralelas, distintas, que se complementavam na vida social. Ensinou a Pedro que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. É dessa relação dialógica entre texto e contexto que Pedro extrai o pretexto para agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Pedro que importa. Práxis-Teoria-Práxis num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico”. (BETTO, 2004. p. 49-50).

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Trabalho e Educação – Núcleo de Estudos Documentação e Dados em Trabalho e Educação (Neddate) e do Grupo de Pesquisa/CNPq Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores – EJATRAB. jaqventura@uol.com.br.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação e da Especialização da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos (LIEJA – UFRJ), coordenadora na Extensão Universitária do Programa Integrado da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos. anapaulaabreumoura@gmail.com.

Na epígrafe, escrita por Frei Betto após a morte de Paulo Freire há vinte anos, é possível perceber a importância e a contribuição da educação popular para os movimentos sociais, para a organização popular, enfim, para a luta social dos 'oprimidos' brasileiros. Esse legado crítico tem sido duramente atacado por forças conservadoras e autoritárias, a exemplo do Projeto de Lei que está tramitando no Congresso Nacional visando anular o título de patrono da educação brasileira, de Freire.

Neste momento emblemático da história do país, em que um governo ilegítimo desmonta a Constituição de 1988, redimensiona a ação do Estado, regride direitos sociais e ataca a educação pública, faz-se necessário reunir forças no campo progressista e, nesse bojo, a perspectiva crítica freireana de liberdade e autonomia é, sem dúvida, uma importante referência. Como mostra a epígrafe, aprender nessa perspectiva é percorrer da ingenuidade à criticidade, é relacionar o saber à ação que nos permita transformar a realidade.

'Essa escola chamada Vida' foi publicado pela primeira vez em 1985 pela editora Ática, atualmente esgotado e, infelizmente, sem previsão de reedição. O livro é composto por depoimentos que narram as experiências dos seus renomados autores com a Educação Popular. Paulo Freire, um educador, e Frei Betto, um dominicano, conversam entre si e com o jornalista Ricardo Kotscho sobre o sonho da emancipação do povo brasileiro.

Construído a partir de diálogos, o livro se apresenta de forma viva e dinâmica, tendo como base a oralidade e promovendo a ruptura com a hierarquização das falas. Ao longo da conversa, os autores apresentam visões distintas sobre um mesmo fato, construídas a partir de lugares que ocupam, são indagados sobre situações e afirmações, complementam falas/pensamentos e mostram a força de um ideal de vida.

Gravado em outubro de 1984, no final da ditadura civil-militar, esse livro-conversa repleto de memórias e reflexões reafirma que ninguém aprende individualmente. Como seres sócio-históricos que somos, aprendemos nas práticas sociais de maneira coletiva. E, nessa perspectiva, o diálogo e a aproximação cultural com o universo popular da classe trabalhadora rural e urbana se tornam imprescindíveis. Não há espaço para falar *para*, só é possível falar *com*. Além disso, o livro rediz que a base de qualquer teoria do conhecimento encontra-se na experiência e que nossa capacidade de aprender é estimulada a partir de impressões retiradas do universo vivido.

As seis horas de gravação que deram origem ao livro 'Essa escola chamada vida' são organizadas por Kotscho em duas partes: na primeira, 'Fazendo e aprendendo a ensinar', Paulo Freire e Frei Betto se apresentam e contam como foram se constituindo imbricados com a história da educação popular.

Em suas falas, trazem as experiências educacionais vividas e destacam o papel da prática para a construção do entendimento de que, mais do que conter aspectos políticos, o ato educativo é, indiscutivelmente, de natureza política. E assim os educadores vão apresentando uma perspectiva de educação dialógica, que busca partir da realidade dos alunos e respeitar as diferentes vozes das classes populares.

O livro faz um balanço do rico momento da história brasileira pré-golpe de 1964, em que a alfabetização e a conscientização eram pensadas juntas, em prol da libertação do oprimido pela educação, e do pós-golpe até o ressurgimento dos movimentos de resistências no final da década de 1970 e início da década de 1980.

Ao relatar a proposta do movimento de alfabetização a partir das palavras geradoras, Paulo Freire fala da inserção da equipe de Extensão Universitária nas

áreas atendidas, na busca por compreender a linguagem popular e identificar as palavras mais carregadas de emoção, mais carregadas de sensibilidade, com as quais a equipe iria trabalhar na elaboração do programa.

A escolha das palavras geradoras, além de envolver a força significativa delas mesmas, também apresentava aos alfabetizados algumas das dificuldades fonéticas da língua. O trabalho com a palavra era aliado a temas de ordem política, econômica, social e de aspectos históricos. Na perspectiva da filosofia educacional defendida, ler a palavra, implica ler o mundo ou mais ainda: “A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre à leitura de novo do mundo” (FREIRE; BETTO, 1998, p. 15).

Na segunda parte, ‘As lições do exílio e da prisão’, Paulo Freire e Frei Betto narram o que ocorreu em suas vidas e no Brasil após 1964. Fazem uma avaliação da geração, da qual fizeram parte seus acertos e equívocos. Frei Betto traz as vivências como preso político e preso comum, assim como Paulo Freire fala sobre as experiências vividas no exílio. No relato do vivido, eles revelam os conhecimentos construídos nesses diferentes espaços/tempos.

Uma questão discutida pelos dois autores é a necessidade da participação dos trabalhadores como sujeitos na construção de processos de mudanças e não como objeto desses, o que leva Frei Betto a afirmar que, no processo de autocrítica vivido na cadeia, ficou claro que “... tínhamos tudo: ideal, coragem, disposição, domínio dos conceitos clássicos, conhecimento da história da revolução. Só não tínhamos povo. (...) Prefiro correr o risco de errar com o povo do que a pretensão de acertar sem ele” (FREIRE; BETTO, 1998, p. 38).

Destacam, ainda, a relação entre natureza e cultura e a importância de os trabalhadores assumirem o protagonismo do processo histórico. Ressaltam,

assim, o papel do debate na construção da compreensão de que toda pessoa está no mundo enquanto ser político, situado na história. Isso fica evidente na citação a seguir, quando Paulo Freire diz que um dos objetivos do trabalho alfabetizador é o estímulo à percepção de que “... se era possível transformar o mundo que não fez, por que não, então, ser capaz de transformar o outro mundo, o mundo que o ser humano fez, que é o mundo da cultura e o mundo da História?” (FREIRE; BETTO, 1998, p. 37).

Os autores concordam ao definir o sujeito com consciência política como aquele que conseguiu avançar da percepção da vida enquanto um processo biológico para a apreensão da vida, entendendo esta como um processo biográfico, histórico e coletivo. Reafirmam, pois, a importância de entender o processo de transformação também como um processo coletivo construído *com* as massas populares e não *para* elas. Rompendo com a ideia de que é possível promover uma mudança radical de fora para dentro.

A leitura do livro ‘Essa escola chamada vida’ é um convite à reflexão sobre o ato educativo numa perspectiva de educação popular e tudo o que ela envolve, desde a questão metodológica, que vai explicitar a concepção de educação que traz, passando pelo material pedagógico, que nunca é neutro, à necessária construção de uma abordagem dialógica, que permita que os oprimidos rompam com a “cultura do silêncio” e tragam, em suas vozes, distintos conhecimentos, construídos a partir de experiências vividas e reflexões sobre elas.

A atualidade do livro está em retomar questões historicamente em debate quando se trata de refletir sobre caminhos para a educação no Brasil. Dado o exposto, ‘Essa escola chamada vida’ merece ser revisitado e historicizado, tanto pela importância de Paulo Freire no cenário educacional brasileiro quanto pela atualidade do diálogo apresentado para aqueles que se situam no campo crítico

e que desejam a práxis revolucionária nesses tempos em que o conservadorismo assolava o país.

Na epígrafe desta resenha, o educando como sujeito histórico, imerso no mundo do trabalho e produzindo a própria existência e a cultura é o centro do debate pedagógico: “Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social” (BETTO, 2004. p. 49). Nesse ponto de vista, a educação é concebida como importante espaço de luta, no qual é possível construir coletivamente ferramentas para conhecer as múltiplas possibilidades da vida e as suas potencialidades de transformação. Afinal, “no início e no fim do aprendizado é a práxis de Pedro que importa” (BETTO, 2004. p. 50).

Ora, de acordo com os autores, o campo da práxis é, por excelência, o campo da ação política, a relação dialética entre teoria e prática em um movimento transformador da realidade. Nos termos de Marx (1986, p. 12): “a consciência de mudar as circunstâncias e da atividade humana só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis revolucionária”.

Por tudo isso, certamente, esse pequeno livro pode ser considerado uma obra de grande relevância para quem deseja compreender o processo de elaboração do referencial da educação popular no Brasil.

Referências

BETTO, Frei. Paulo Freire: a leitura do mundo. In: BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 49-50.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada Vida*. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ciências Humanas, 1986. p. 12.

Recebido em: 15.10.2017

Aceito em: 15.10.2017